

Exame Final Nacional de Português
Prova 639 | 1.ª Fase | Ensino Secundário | 2018

12.º Ano de Escolaridade

Decreto-Lei n.º 139/2012, de 5 de julho

Entrelinha 1,5 sem figuras

Duração da Prova: 120 minutos. | Tolerância: 30 minutos.

10 Páginas

VERSÃO 1

Indique de forma legível a versão da prova.

Utilize apenas caneta ou esferográfica de tinta azul ou preta.

Não é permitida a consulta de dicionário.

Não é permitido o uso de corretor. Risque aquilo que pretende que não seja classificado.

Para cada resposta, identifique o grupo e o item.

Apresente as suas respostas de forma legível.

Ao responder, diferencie corretamente as maiúsculas das minúsculas.

Apresente apenas uma resposta para cada item.

As citações dos itens encontram-se no final do enunciado da prova.

Nas respostas aos itens de escolha múltipla, selecione a opção correta. Escreva, na folha de respostas, o grupo, o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

GRUPO I

Apresente as suas respostas de forma bem estruturada.

PARTE A

Leia o poema.

Screvo meu livro à beira-mágoa.
Meu coração não tem que ter.
Tenho meus olhos quentes de água.
Só tu, Senhor, me dás viver.

- 5 Só te sentir e te pensar
Meus dias vácuos enche e doura.
Mas quando quiserás voltar?
Quando é o Rei? Quando é a Hora?

- Quando virás a ser o Cristo
10 De a quem morreu o falso Deus,
E a despertar do mal que existo
A Nova Terra e os Novos Céus?

- Quando virás, ó Encoberto,
Sonho das eras português,
15 Tornar-me mais que o sopro incerto
De um grande anseio que Deus fez?

- Ah, quando quiserás, voltando,
Fazer minha esperança amor?
Da névoa e da saudade quando?
20 Quando, meu Sonho e meu Senhor?

Fernando Pessoa, *Mensagem*.

1. Caracterize o estado de alma do sujeito poético, expresso nos seis primeiros versos.
2. Justifique o recurso simultâneo à anáfora e à frase interrogativa a partir do sétimo verso do poema.
3. Explique, com base nas duas últimas estrofes, por que razão o sujeito poético pode ser considerado um profeta.
4. Identifique duas características do discurso lírico de *Mensagem* presentes no poema e transcreva um exemplo significativo para cada uma delas.

PARTE B

Leia o texto.

MADALENA

(falando ao bastidor)

Vai, ouves, Miranda? Vai e deixa-te lá estar até veres chegar o bergantim; e quando desembarcarem, vem-me dizer para eu ficar descansada. (Vem para a cena.) Não há vento e o dia está lindo. Ao menos não tenho sustos com a viagem. Mas a volta... quem sabe? o tempo muda tão depressa...

JORGE

Não, hoje não tem perigo.

MADALENA

Hoje... hoje! Pois hoje é o dia da minha vida que mais tenho receado... que ainda temo que não acabe sem muito grande desgraça... É um dia fatal para mim: faz hoje anos que... que casei a primeira vez; faz anos que se perdeu el-rei D. Sebastião; faz anos também que... vi pela primeira vez a Manuel de Sousa.

JORGE

Pois conta essa entre as infelicidades de vossa vida?

MADALENA

Conto. Este amor — que hoje está santificado e bendito no Céu, porque Manuel de Sousa é meu marido — começou com um crime, porque eu amei-o assim que o vi... e quando o vi — hoje, hoje... foi em tal dia como hoje! — D. João de Portugal ainda era vivo. O pecado estava-me no coração; a boca não o disse... os olhos não sei o que fizeram; mas dentro da alma eu já não tinha outra imagem senão a do amante... já não guardava a meu marido, a meu bom... a meu generoso marido... senão a grosseira fidelidade que uma mulher bem nascida quase que mais deve a si do que a seu esposo. — Permitiu Deus... quem sabe se para me tentar?... que naquela funesta batalha de Alcácer, entre tantos, ficasse também D. João...

Almeida Garrett, Frei Luís de Sousa.

5. Explique em que medida a afirmação «o tempo muda tão depressa...», proferida por Madalena na sua primeira fala, pode constituir um presságio de tragédia.

6. Ao longo do excerto, Madalena repete oito vezes a palavra «hoje».

Justifique os sentimentos manifestados por Madalena na sua última fala e relacione-os com a repetição dessa palavra.

PARTE C

7. A figura do herói está presente em muitas obras estudadas ao longo do ensino secundário, embora a sua construção possa depender de diversos fatores.

Escreva uma breve exposição na qual distinga o herói em *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões, do herói em *Mensagem*, de Fernando Pessoa.

A sua exposição deve incluir:

- uma introdução ao tema;
- um desenvolvimento no qual explicita, para cada uma das obras, uma característica que permita distinguir o herói em *Os Lusíadas* do herói em *Mensagem*, fundamentando as características apresentadas em, pelo menos, um exemplo significativo de cada uma das obras;
- uma conclusão adequada ao desenvolvimento do tema.

GRUPO II

Leia o texto. Se necessário, consulte a nota apresentada a seguir ao texto.

A intraduzibilidade de um termo é normal. Acontece constantemente. Cada língua divide a seu modo a realidade em parcelas que nomeia, e elas não se ajustam inteiramente ao recorte das parcelas do real elaborado noutras línguas. Temos *maçã* e *pero*, enquanto em inglês há só *apple*. Os anglo-americanos não se preocupavam com a distinção, para portugueses mais que óbvia. [...] Por outro lado, para nós basta-nos o verbo «esperar», enquanto os ingleses o subdividem em *hope*, *expect* e *wait*. Mas ninguém em Portugal espera menos só por não ter acesso a essas distinções vocabulares, como ninguém confunde *esperar o autocarro* com *esperar um bebé*, ou *esperar uma vida melhor para os filhos*. [...]

A grande diferença é cultural. Se calhar os portugueses, por razões históricas diversas, tiveram inúmeras oportunidades para sofrer de saudades, a começar com as ausências prolongadas dos navegadores a partir de Quatrocentos. Mas não podemos afirmar isso ao de leve, sem estabelecer comparações: os espanhóis, por exemplo, dispersaram-se igualmente pelo Globo e não criaram um termo equivalente com tanto peso. Os ingleses, um século e tanto depois, espalharam-se também pelos mares e continentes, aliás como os holandeses, e nenhum desses povos cunhou uma palavra única para expressar os sentimentos dos ausentes da pátria quando dos seus se lembravam, ou destes quando sentiam a falta dos embarcações. Quer dizer: são as culturas que criam os termos, os mantêm e desenvolvem, vá lá alguém saber exatamente porquê. Todavia, não é a língua portuguesa que é mais saudosa que as outras, mas os portugueses que, por qualquer razão, insistem mais nesse sentimento. [...]

Assim, o termo ganhou uma extensão invulgar que as metáforas ainda alargaram mais. Ora, em semântica, é regra fundamental que *o significado é o uso*. Dito de outro modo: para se saber o que significa uma palavra ou uma expressão, analisa-se o contexto em que é usada. E, santo Deus!, quão vastos são os contextos de «saudade» na nossa cultura. Usa-a o fado em letras sobre amores destroçados que recordam momentos de idílio em comum; usa-a um filho que chora a morte da mãe; como a usa um emigrante em carta para a família, ou um adulto revivendo os doces momentos da infância. [...]

É, pois, nessa polissemia desbragada (1) do termo em tão variadas circunstâncias que ele adquire cargas semânticas cada vez mais intraduzíveis, porque em nenhuma outra língua um termo semelhante foi tão frequentemente utilizado para cobrir tão diverso número de situações.

Nada disto envolve qualquer magia; está-se apenas em presença de uma impossibilidade linguística de resumir tanta diversidade de usos e encontrar um equivalente em uma só palavra noutra língua. Em parte porque os portugueses poderão ser mais sentimentais (saudosos) do que outros povos (é possível), mas sobretudo porque tradicionalmente deram largas à criatividade no uso do termo, sobretudo porque os poetas, mestres na liberdade com as palavras, lhe alargaram exponencialmente o sentido.

Onésimo Teotónio Almeida, *A Obsessão da Portugalidade*.

NOTA

(1) *desbragada* – descomedida; excessiva; desenfreada.

1. De acordo com o primeiro parágrafo do texto, a intraduzibilidade de um termo decorre do facto de
 - a) os vocábulos evoluírem semanticamente de forma distinta em cada idioma.
 - b) as línguas integrarem expressões idiomáticas bastante complexas.
 - c) cada língua organizar e nomear a realidade de modo diferente.
 - d) cada povo valorizar aspetos discrepantes da realidade.

2. No segundo parágrafo, o autor estabelece uma comparação entre povos, com a intenção de
 - a) distinguir experiências similares que foram vividas por populações de países europeus.
 - b) comprovar que a raiz da palavra «saudade» tem origem nas ausências dos navegadores.
 - c) exemplificar as diversas situações que criaram a necessidade do termo «saudade».
 - d) demonstrar que as palavras são determinadas pela especificidade cultural de cada povo.

3. Ao utilizar a expressão «polissemia desbragada» (início do quarto parágrafo), o autor pretende evidenciar
 - a) a amplitude do campo semântico da palavra «saudade».
 - b) a longa tradição poética sobre a temática da «saudade».
 - c) o sentimentalismo excessivo do povo português.
 - d) o saudosismo característico da língua portuguesa.

4. As expressões «Quer dizer» (segundo parágrafo) e «Dito de outro modo» (terceiro parágrafo), seguidas de dois pontos, introduzem, respetivamente, sequências textuais em que o autor
- a) apresenta um argumento novo e reforça as ideias anteriormente apresentadas.
 - b) sintetiza o conteúdo do parágrafo e explica a ideia anteriormente expressa.
 - c) fundamenta o seu ponto de vista e introduz novos argumentos.
 - d) problematiza a ideia apresentada anteriormente e exemplifica o seu ponto de vista.
5. As formas verbais presentes em «A intraduzibilidade de um termo é normal.» e em «Assim, o termo ganhou uma extensão invulgar» têm, respetivamente, um valor aspetual
- a) genérico e perfeito.
 - b) iterativo e perfeito.
 - c) genérico e imperfeito.
 - d) iterativo e imperfeito.
6. Identifique as funções sintáticas desempenhadas pelo pronome relativo «que»
- a) em «o termo ganhou uma extensão invulgar que as metáforas ainda alargaram mais»;
 - b) em «Usa-a o fado em letras sobre amores destroçados que recordam momentos de idílio em comum».
7. Classifique a oração «que o significado é o uso» na frase «Ora, em semântica, é regra fundamental que o significado é o uso.».

GRUPO III

«Há palavras que nos beijam
Como se tivessem boca.»

Alexandre O'Neill, *Poesias Completas*.

«São como um cristal,
as palavras.
Algumas, um punhal,
um incêndio.»

Eugénio de Andrade, *Antologia Breve*.

Num texto de opinião bem estruturado, com um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas e cinquenta palavras, defenda uma perspetiva pessoal sobre o poder das palavras nas relações humanas.

No seu texto:

- explicita, de forma clara e pertinente, o seu ponto de vista, fundamentando-o em dois argumentos, cada um deles ilustrado com um exemplo significativo;
- utilize um discurso valorativo (juízo de valor explícito ou implícito).

Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente do número de algarismos que o constituam (ex.: /2018/).
2. Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados – entre duzentas e trezentas e cinquenta palavras –, há que atender ao seguinte:
 - um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial (até 5 pontos) do texto produzido;
 - um texto com extensão inferior a oitenta palavras é classificado com zero pontos.

FIM

COTAÇÕES

GRUPO I

Parte A	56 pontos
1.	16 pontos
2.	16 pontos
3.	16 pontos
4.	8 pontos
Parte B	32 pontos
5.	16 pontos
6.	16 pontos
Parte C	16 pontos
7.	16 pontos
	<hr/>
	104 pontos

GRUPO II

1.	8 pontos
2.	8 pontos
3.	8 pontos
4.	8 pontos
5.	8 pontos
6.	8 pontos
7.	8 pontos
	<hr/>
	56 pontos

GRUPO III

Item único	40 pontos
	<hr/>
	40 pontos
TOTAL	<hr/>
	200 pontos